

Projeto: **TURPILÓQUIO**

Maurice Lidiane Lazzaretti (PIBIC/CNPq)
Dra. Giselle Olivia Mantovani Dal Corno (orientadora)

Dra. Vitalina Maria Frosi (coordenadora)
Dra. Carmen Maria Faggion (pesquisadora)



Objetivos

Este trabalho insere-se no âmbito do projeto "O falar torpe na linguagem oral da Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul (RCI) – TURPILÓQUIO", que estuda a fala torpe (blasfêmias, palavrões, imprecações, insultos, ofensas, etc.) como expressão étnica e recurso cultural ítalo-brasileiro, considerando-a (como) um fato sociolinguístico no seio da RCI.

Neste trabalho investigou-se o uso do falar torpe em estádios de futebol, a fim de averiguar, entre outras hipóteses, se ainda se verifica o uso da blasfêmia em variedade dialetal italiana na Região.

Metodologia

Nossa investigação envolve uma amostra colhida no município de Caxias do Sul, composta por trinta e dois informantes frequentadores dos estádios de quatro times gaúchos: as duas equipes profissionais da cidade (Caxias e Juventude) e as duas principais da capital (Grêmio e Internacional).

Para tanto, criou-se um questionário estruturado, a partir do qual se investigou a incidência de blasfêmias, palavrões, ofensas e imprecações nesse espaço público, em que idioma são proferidos, bem como a faixa etária e o gênero das pessoas que os empregam (Quadro 1). Além disso, foi solicitado ao entrevistado que identificasse as principais motivações para o emprego desse tipo de linguagem, a partir de uma lista elaborada especificamente para este estudo, com base em Tartemella (2006) (Quadro 2).

Os entrevistados, de ambos os gêneros, se dividem em quatro faixas etárias. Ou são nascidos em Caxias do Sul, ou residem ou trabalham na cidade; em todos os casos, o informante teve (ou tem) algum contato com a fala torpe dentro do contexto da RCI. Este trabalho apresenta os resultados gerais da análise dos dados coletados.

Resultados

As respostas indicam que os informantes escutam principalmente ofensas nos estádios (35,06%), porém dizem com mais frequência palavrões (43,75%). A blasfêmia parece ser pouco empregada, sendo mencionada em apenas 4,16% das respostas como algo dito e 12,98% das respostas como algo escutado. Além disso, 75% do total das respostas indicam que a blasfêmia, quando ocorre nesse espaço público, é dita em dialeto italiano, e que o palavrão é mais frequentemente empregado em português (94,11%), idioma que também prevalece nas ofensas (90,9%) e nas pragas (96%).

Os quadros 1 e 2 abaixo expõem os dados referentes às questões do questionário utilizado como instrumento para a investigação que investigam, respectivamente, a faixa etária e o gênero das pessoas que empregam o turpilóquio e a motivação para esse emprego.

QUADRO 1

Quem são as pessoas mais "desbocadas" no estádio, em geral?	
homem	29
rapaz (18 anos e acima)	13
adolescente (sexo masculino)	9
pessoa de idade (homem)	9
Total de jovens e adultos do sexo masculino	78,94%
mulher	4
moça (18 anos e acima)	2
adolescente (sexo feminino)	3
pessoa de idade (mulher)	0
Total de jovens e adultos do sexo feminino	11,84%
menino	7
menina	0

QUADRO 2

Na sua opinião, por que as pessoas empregam blasfêmias, palavrões ou ofensas no estádio? Atribua 0 a 10 para cada um dos motivos abaixo, sendo 0 = "nunca ocorre" e 10 = "quase sempre é esse o motivo".	
a) Para expressar ódio, revolta ou raiva contra Deus, Nossa Senhora ou outra entidade sagrada da religião pelos acontecimentos no estádio.	0,59
b) Para xingar / ofender o árbitro.	9,68
c) Para xingar / ofender jogadores.	8,0
d) Para xingar / ofender a torcida do time adversário.	7,87
e) Para xingar / ofender o técnico ou outros dirigentes do seu time.	7,3
f) Para queixar-se, lamuriar-se ou exprimir desagrado / tristeza diante de alguma situação do jogo.	7,72
g) Para reclamar e exigir reparação de erros de arbitragem.	9,25
h) Para reclamar e exigir reparação de alguma ação negativa presenciada ou sofrida.	7,03
i) Para chamar a atenção e/ou exibir machismo (no caso dos homens).	2,87
j) Para desabafar, desafogar-se quando está nervoso.	7,21
k) Para aproximar-se ou criar um clima de solidariedade com seu grupo.	5,28
l) Para exprimir surpresa ou espanto.	5,93
m) Como um marcador discursivo, num início de conversa ou frase (equiv. Bah)	4,5



Discussão / Considerações finais

A análise dos dados aponta para o fato de que, apesar de haver o predomínio do uso da fala torpe em língua portuguesa, ainda se empregam falas torpes em fala dialetal italiana e em suas variadas formas dialetais nos estádios estudados. Apesar de alguns informantes não terem assinalado dizer e/ou escutar blasfêmias, ainda assim está na memória o fato de as blasfêmias, quando pronunciadas na RCI, serem em dialeto italiano, o que é uma possível explicação para o fato de os números relativos ao dizer/escutar blasfêmia não condizerem com os concernentes ao idioma (estes muito superiores àquele).

Ademais, nota-se, nas respostas, a indicação de que os jovens e adultos do sexo masculino são considerados os mais "desbocados", atribuindo-se, no total, 78,94% de escolha a eles. Também se observa que a típica motivação para o emprego da blasfêmia – "expressar ódio, revolta ou raiva contra Deus, Nossa Senhora ou outra entidade sagrada da religião católica" –, já praticamente não se verifica, sendo-lhe atribuída uma média de apenas 0,59 sobre o valor total (10). A maior incidência do turpilóquio é com a finalidade de xingar, como ofensa – principalmente ao árbitro –, seguido de reclamar, queixar-se.

Os resultados dessa investigação permitem lançar hipóteses sobre o uso da fala torpe em um espaço público específico, o estádio de futebol, sobre suas motivações e manifestações, servindo como base para outras investigações relacionadas à linguagem oral na RCI e os traços característicos da cultura italiana.

Referência

TARTAMELLA, Vito. *Parolacce*: perché le diciamo, que cosa significano, quali effetti hanno. Milão: BUR Saggi, 2006.